

'Konvoy', longa escandinavo sobre a II Guerra, ganha consagração no evento holandês

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Existe um rol de festivais classe AA no cinema - incluindo os de Berlim, Cannes, Locarno, San Sebastián e Veneza - que abre suas atividades, ano após ano, desde 1972, via Holanda, a cada nova edição de Roterdã, que, neste arranque de 2024, reverenciou o Brasil com nove filmes de CEPs nacionais. Foi lá que nasceu o fenômeno "O Som Ao Redor", de Kleber Mendonça Filho, há 12 anos.

Nesta reta final, pouco antes de seu encerramento, no domingo, a 53ª edição do evento valoriza uma produção escandinava de tons políticos sobre a II Guerra: o norueguês "Konvoi", de Henrik Martin Dahlsbakken. O longa virou uma sensação em suas projeções em telas

Maré pop em Roterdã



Divulgação

'Konvoi' é um épico norueguês ambientado num navio em tempos de guerra

holandesas e tem mais uma exibição nesta sexta-feira.

Dahlsbakken retrocede no tempo e no espaço até 1942, quando a Alemanha invade a União Soviética. Naquele momento, os Aliados ficaram com a

responsabilidade de enviar armas para ajudar na luta. Uma espécie de comboio ártico de navios é enviado para combate, mas ele não está equipado para a batalha. Apesar disso, uma escolta protege as embarcações de ataques aéreos.

De repente, é dada uma ordem de dispersão. Porém, um navio da Noruega, ciente de seus deveres éticos, decide continuar no mar, em sua missão, mesmo correndo risco. Desse enredo nasce um candidato a cult.

Houve lugar para o pop no evento, como comprovam os elogios a "Blackout", de Larry Fessenden, que é um thriller de horror. Em seu roteiro, o pintor Charley (Alex Hurt) regressa à sua cidade natal carregando consigo uma maldição: a licantria. Em noites de lua cheia, ele se transforma em lobisomem.

O fator pop de Roterdã se faz notar ainda na boa acolhida ao filme de ação "Steppenwolf", de Adilkhan Yerzhanov. E um thriller padrão "John Wick", com CEP no Cazaquistão, ressalta a evolução do diretor de "A Doce Indiferença do Mundo" (2018), num desafio às leis da gravidade. Carregado de elementos da obra-prima "Rastros de ódio" (1956), o longa assume como seu John Wayne um criminoso que se faz passar por policial (papel do genial Berik Aitzhanov) que, em meio a uma guerra civil, ajuda uma mulher incapaz de falar (Anna Starchenko) a encontrar seu filho. A angústia dela é salvar o menino de traficantes de órgãos. Já ele só quer se aproveitar da situação para lucrar. Pelo menos até a consciência social derrubá-lo, numa rasteira ética. As sequências de tiroteio e de luta são de mesmerizar olhos.

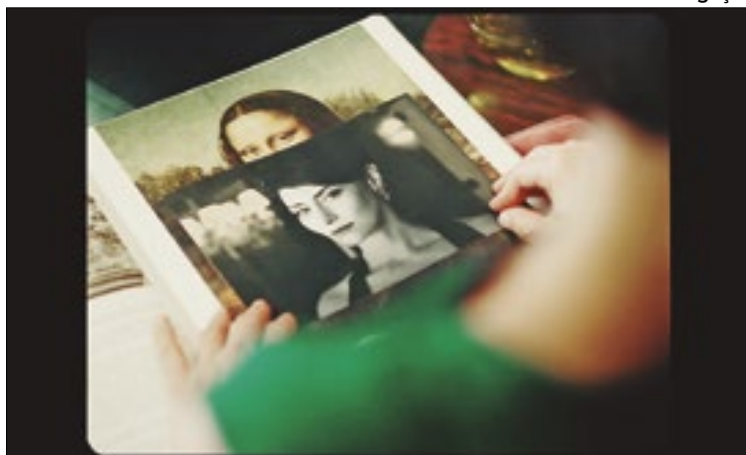
'A Paixão Segundo G.H.', de Luiz Fernando Carvalho, derrama seu lirismo na Holanda

Depois de uma avassaladora passagem pelo Festival do Rio e pela Mostra de São Paulo, "A Paixão Segundo GH", o novo longa-metragem de Luiz Fernando Carvalho, derrama seu lirismo sobre a Holanda, numa passagem por Roterdã. É a volta do mais ousado diretor de TV do Brasil ao cinema, cerca de 23 anos depois do cult "Lavourea Arcaica" (2001).

Numa atuação radical, porém, muito afetiva, Maria Fernanda Cândido brinda o cinema nacional

Lavoura aberta para Clarice Lispector

Divulgação



Maria Fernanda arrebatava espectadores no longa

com seu talento e carisma numa atuação em que reage, com suavidade de gestos, ao texto de Clarice

Lispector (1920-1977), publicado em 1964.

A trama esbanja existencialis-

mo: Depois de despedir a empregada, G.H. inicia uma faxina no quarto de serviço e vê uma barata. Enojada do inseto, ela decide esmagá-lo. Nesse gesto, diante da massa pastosa e branca da barata morta, ela embarca num processo de desmontagem de sua condição humana.

Em outubro, durante a Première Brasil do Festival do Rio, Luiz Fernando escreveu um pequeno ensaio sobre sua relação com Clarice, pedido do Correio da Manhã. No texto original, ele diz: "Por que filmar GH? Talvez a maturidade esteja exigindo falar menos de mim e mais do outro. A igualdade

reivindica suas diferenças mais subjetivas. Só essa será uma entrega real ao outro, avistando aquele que é diametralmente oposto a você, seja em gênero, classe social, raça, religião, espécie e por aí vai... Para que eu filme uma mulher não é apenas preciso, como dizem por aí, acessar meu lado feminino. É preciso muito mais. É preciso me oferecer ao impossível de realizá-lo. A consciência da impossibilidade na mediação com o feminino me arrasta até o centro de G.H., ou de Clarice - como preferirem. G.H. é o feminino em sua potência máxima, libertadora. Diria mesmo revolucionária. Ela nos ensina que há um limite, sim. Mas é necessário ir além do cosmo-política do homem ocidental. O aqui e agora. O ser é um desaparecimento. G.H., ao decidir arrumar sua própria casa começando pelo quarto da empregada, termina por desarrumar-se". (R. F.)